

Hidrólise de um corpo assim

Conto | Carla Veríssimo | Em Desmanche



Habitava uma casa velha, ora servia para as mãos, ora para os rabos.

Ora me afagavam, ora me friccionavam com violência.

Até que um dia, em Agosto de 79, fizeram de mim companheiro de intimidades. Passei a sentir uma cadência no uso e ao mesmo tempo uma enorme falta de atenção.

Muito era mecânico naquela jovem de 20 anos e os olhos doces, que até então se demoravam em mim, nasceram num dia 11, cheios de simbolismo, sábado e satisfação.

Eu - todo branco, todo húmido, rectangular e cheiroso passei a ser usado por aquelas duas mãos suaves, vezes e vezes sem conta. E quando me dei conta, já tinha, de ambos os lados, concavidades ligeiras e atractivas, tornando-me na verdade:

rectângulo-côncavo.

Passado um mês, dei por mim debruçado sobre a minha rectangulitude côncava e vi-me envolvido no bulício de mais um momento único.

Sobre o bordo frio e sensível de uma inóspita oval banheira azul-bebé, Rute segurava-me e pousava-me intermitentemente, sem sequer se dar conta de si.

Não consigo precisar as vezes que as suas duas mãos mergulharam na água ondulante, viradas para cima. Desse bordo frio e sensível, lembro o meu cheiro repousado e as 27 saliências - qual vilosidades intestinais -, a absorver o meu estado sólido.

- Com mil moléculas!

Eu ali todo cáustico e ela toda doce, toda sexy, toda tusa.

Pega, vira, revira, esfrega, pousa, pára, levanta... e eu já todo ardente como ardo em todos os olhos.

Mas foi precisamente nos olhos, que percebi que Rute nem sequer me via. Entre nhanha, pasta, mucosidade, água e espuma, ela fez-me em nada em três tempos. E já só a vi passados 3 dias, noutra banho zeloso.

Parece rotina, mas Rute não se cansa e sorri constantemente. Vive com pouco, mas é feliz. É feliz na sua humildade, na bondade imensa do seu coração e na crença de uma vida a três. As suas esperanças são o amanhã e tem nela todos os sonhos e poemas do mundo.

E nisto o meu branco já não é mais branco. Ali, naqueles interstícios já é sujo, negro, acumulado, duro, antigo e tamanho. Já é tamanho e já é tamanha a dimensão de tudo aquilo - mesmo sendo aquilo toda a dimensão de uma fria e oval banheira azul-bebé. Entre o pátio, os coelhos, os porcos, o poço, a pereira, o cabrito acabado de nascer e os pais vindos do Alentejo, Rute zela por tudo com a mesma leveza, sabedoria e dedicação.

E passaram outros 3 dias e é quase noite, mas Rute, meticulosa, e antes mesmo de escurecer, tem o cuidado de esticar um cobertor rosa-velho sobre a colcha branca da cama macia. Ali, naquele quarto das duas janelas, as suas costas inclinam-se novamente sobre a banheira azul-bebé. Os seus dois braços esticados e magros terminam numas mãos suaves e ao disparo de uma máquina fotográfica, sombras cinzentas eternizam-se projectadas na água e na banheira. Rute ondula o seu corpo quente e sente o tépido da água.

E é quando vai ao quintal despejar a banheira que se sente honrada e agradecida. Honrada e agradecida até à tarde em que a violência do divórcio lhe leva os sonhos, as esperanças e o sorriso. 10 anos depois, as mãos, o rabo e todo o corpo sólido, macio, perfumado e livre de Rute, roçam-se finalmente em mim.